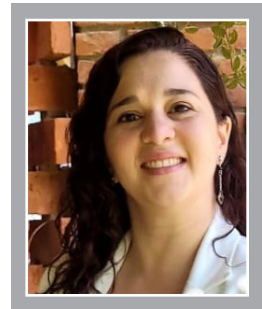

Liderança empática: uma questão de decisão e de corpo

“Colocar a pessoa no centro, cuidá-la, atendê-la empaticamente, é uma opção de liderança na qual queremos crescer, e com a qual queremos construir nossas relações, estruturas e projetos”

(Vozes Maristas, cap.4 - Ir. Óscar Martín)

María Fernanda Rodríguez Espínola

Membro da equipa de evangelização.
Província de Cruz del Sur, Paraguai



Sou conhecida como Nanda, leiga marista, 39 anos. Casada há 12 anos com Edgar, mãe de três tesouros lindos e desafiadores: Josué, Isabella e Ezequiel.

Ao longo da minha vida, estive em vários lugares do âmbito educativo e pastoral marista que me proporcionaram oportunidades de descobrir e desenvolver minha vocação e minha profissão. Atualmente, trabalho como educadora na área de Ciências Básicas, e como Orientadora de Professores no Nível Médio (Bacharelado); sou membro da Equipe de Animação da Evangelização, com a tarefa específica de acompanhar os processos de Educação Religiosa Escolar (ERE) e também colaboro na equipe de líderes leigos maristas na região do Paraguai.

Lembro-me de ter ouvido a palavra “**empatia**”, pela primeira vez, quando era adolescente, e junto com ela a frase: “*empatia é colocar-se no lugar do outro*”. Essa frase, durante quase duas semanas, gerou em mim uma certa inquietação e confusão, com várias perguntas: O que significa realmente colocarmo-nos no lugar do outro? Será que é fazer coisas pelo outro... é ajudar... é ouvir... é dar soluções... é chorar com ele... é rir com ele... é dar conselhos...? Como é que me coloco no lugar do outro sem sair do meu lugar, sem deixar de ser eu mesma? Foi assim que nasceu em mim o desafio de descobrir o que era a empatia. E é aqui que destaco uma primeira chave importante: **ser empático é uma decisão**. De fato, tal como qualquer outro valor na vida, é necessário ter o desejo, a vontade e, juntamente com eles, a decisão de ser quem se quer ser e como se quer ser, com tudo o que a dimensão do “*ser*” implica.

Ao longo deste desafio pessoal, fui descobrindo, experimentando e construindo algumas pistas sobre como viver a empatia, *que significaram a segunda chave, a que chamo: Ser empático é uma ques-*

tão de corpo: olhos, ouvidos, boca e mãos. Vejamos:

Um olhar atento. É um olhar fixo nos olhos da outra pessoa, um olhar disposto a observar não a forma desses olhos, mas o fundo, o que está por detrás desse outro ser que está ali, consigo, como diz uma frase: *os olhos são as janelas da alma*, esteja disposto a olhar através dessas janelas; um olhar que também esteja atento à linguagem corporal. Parece tão básico, tão simples, mas não é; os nossos pensamentos, as nossas distrações, ou as múltiplas atividades da vida quotidiana, por vezes não nos permitem olhar atentamente e conectar com o outro.

Escuta ativa e contemplativa. Lembro-me que, há alguns anos, em 2006, participei de uma oficina para professores orientadores, dirigida por um irmão marista, cujas palavras me marcaram profundamente:

“As pessoas que vêm ter consigo, sejam elas alunos, pais, outros familiares ou mesmo colegas... não precisam de conselhos. As pessoas precisam de ser ouvidas. Repetiu lenta e pausadamente: “As pessoas precisam de ser ouvidas. Muitas estão cansadas e até fartas de receber conselhos. Ouçam sem interromper e deem conselhos apenas se elas os pedirem.”

No desempenho das minhas diferentes funções, é no momento da escuta ativa que me coloco em oração e em diálogo com o Espírito que habita em mim; peço-lhe que me ajude a calar os meus ruídos interiores e a estar atento e, consoante as circunstâncias, que me ilumine com discernimento, sabedoria ou força. É praticando uma escuta ativa e contemplativa que me sinto verdadeiramente ligada a essa pessoa.

Diálogo assertivo. Por vezes, somos muito rápidos a fazer interpretações, a dar opiniões,



críticas ou conselhos, sem termos feito perguntas que canalizem um verdadeiro diálogo. Descobri, em encontros interpessoais, que fazer perguntas-chave ou poderosas ajuda a focar o momento, a gerar um diálogo profundo, a compreender melhor a outra pessoa, a perceber o que nela se passa, a ligar-se à sua história, às suas emoções, aos seus sentimentos e, assim, a gerar uma comunicação em que a confiança está presente, construindo respostas ou soluções em conjunto.

Mãos que agem. Penso que a empatia é incompleta se não se traduzir em ações, e não me refiro a grandes empreendimentos que exigem muita organização ou gestão. Refiro-me a pequenas ações, simples e concretas, que nos fazem sentir a presença, a fraternidade, que nos

permitem viver e experimentar essa proximidade e ligação com o outro: um abraço sincero, uma mão no ombro, um gesto de proximidade, uma mensagem, um telefonema, uma voz sonora, umas palavras de encorajamento ou de consolação, ou mesmo, no nível seguinte, quando certas situações o exigem, as mãos devem tornar-se coletivas, assumir uma força comunitária, oferecendo-se a outros que precisam desse conjunto de mãos prestáveis, compassivas, solidárias.

Acredito firmemente que a empatia se vive no dia a dia, nas rotinas em que somos chamados a exercer a nossa liderança, com aquelas pessoas com quem nos sintonizamos facilmente e, claro, com aquelas pessoas com quem as coisas não são tão fáceis em nossos campos de missão, ou em situações turbulentas e complicadas. É aqui que se torna mais difícil praticar a empatia. Como Maria em Caná: observar, contemplar, questionar, intervir, mas com humildade e modéstia. O Irmão Oscar Martin afirma: “A referência a esta mulher empática, sensível e consciente das suas próprias emoções, mas atenta às emoções dos outros e às suas necessidades, é muito desafiadora. É capaz de confrontar-se com o filho, com grande liberdade e sem protagonismo” (*Vozes Maristas*, 2022, p. 80).





O mais bonito neste percurso é o fato de cada um descobrir as suas próprias chaves. É permitir que outras pessoas nos ajudem a construir o que queremos, o que decidimos ser. Essas outras pessoas passam a ser os nossos exemplos, os nossos testemunhos, os nossos companheiros de caminho, essas vozes do Espírito que nos iluminam e inspiram, para que depois sejamos nós a inspirar os outros.

Construir e viver experiências de empatia é, nestes tempos, e continuará a ser nos tempos futuros, uma ferramenta indispensável: permite-nos gerar encontros realmente genuínos, permite-nos conectar-nos com a vida dos outros, conectar-nos com o nosso próprio ser e conectar-nos com o nosso Deus. *Tomemos a decisão de sermos servos empáticos e líderes proféticos, coloquemos nossos corpos e sentidos atentos aos outros e a nós mesmos, inspirando-nos em nossa Boa Mãe, confiando sempre nela, como fez Marcelino; e quando nos sentirmos vacilantes ou hesitantes, voltemos à fonte.*



As opiniões expressas neste documento são da responsabilidade do autor e não refletem necessariamente os pontos de vista do Instituto Marista.

Se quiser partilhar com a Comissão as suas ideias, reflexões ou experiências sobre a liderança servidora e profética, como resultado destas reflexões, escreva para fms.cimm@fms.it